

MARIA DO CÉU FIALHO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JAIME ALVAR
coord.

O SOL GRECO-ROMANO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA, UNIVERSIDAD CARLOS III

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

O SOL GRECO-ROMANO

COORDENAÇÃO

Maria do Céu Fialho

José d'Encarnação

Jaime Alvar

EDIÇÃO

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

Universidad Carlos III – Instituto de Historiografía Júlio Caro Baroja

CAPA

Motivo: Relógio «Bras en l'Air» ou «Colossus»

http://zorigami.free.fr/odd_watches/colossus.htm

APOIOS

Fundação para a Ciência e Tecnologia (POCI/2010)

Fundação Calouste Gulbenkian

Fundação Eng^o. António de Almeida

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Imprensa de Coimbra, Lda. Largo de São Salvador, 1-3 – 3000-372 Coimbra

ISBN 978-989-8281-16-6

Depósito legal n^o 297963/09

1^a edição: Dezembro de 2008

Tiragem: 500 exemplares

PREÂMBULO

Desde os primórdios civilizacionais que o Homem sentiu a sua dependência vital desse ciclo de trevas e de luz que ilumina o mundo e faz brotar a vida, na Natureza. O tempo de trevas — tempo de inação e de repouso — foi percebido como reino do sono e da proximidade da morte.

O curso total do dia transportava para essa ausência da luz a expectativa de que o Sol, desaparecido no horizonte, a Ocidente, quiçá mergulhado no mar, garantisse uma nova aurora, reaparecendo, no seu carro, para dar início a outro dia, a Oriente. Esse Oriente significava esperança de um ciclo confirmado, de que a ordem do mundo e da vida fossem, diariamente, confirmados.

Essa luz., dimanada do Sol, constituindo um meio universal de representação, abre ao homem a noção de espaço, ilumina mundo e cria laços relacionais entre quem à luz vê e aquele que à luz é visto.

Este era o fulcro vital da experiência de existir, de estar vivo, para o Grego antigo. Viver e ver a luz do Sol eram sinónimos. Ver a luz do Sol implicava a reciprocidade, ilimitada, por parte do astro-deus, fonte de vida, senhor e princípio de tudo, para algumas religiões da bacia oriental do Mediterrâneo, não esquecendo a reforma da religião egípcia de Akenaton, fugaz, mas que deixaria as marcas do seu monoteísmo. O culto de Mitra será apropriado por Roma e assimilado às suas práticas cultuais.

Viver e ver a luz do Sol viabilizava, conscientemente, “ver à luz do Sol” o que se deixava ver e era marcado pelo brilho solar — a beleza e a harmonia refulgiam a essa luz, na sua dimensão estética mas também ética, pois o que é harmónico, para o Grego, é belo e bem constituído — logo, bom.

Ao olho do Sol nada escapava; dele não podia o Homem esconder as suas acções. Omnividente, era invocado na fórmula dos juramentos gregos. É compreensível que esta omnividência e a força poderosa de gerar vida e manter vida o fizessem coincidir com outras divindades poderosas, o viessem, mais tarde, em Roma, por influência oriental, ou na Europa cristianizada, a converter em símbolo do próprio poder, estilizado na arte religiosa cristã. O poder régio

européu, de cariz absolutista recupera, das matrizes culturais, o imaginário associado ao Sol para reforçar a iconografia do seu próprio poder.

Paralelamente, a vivência de um mundo iluminado, visível pelo poder do astro-rei, em que a visibilidade do Bem e do Belo são preciosas, abriria caminho para a inspiração filosófica em Platão.

Muitas são as marcas destas vivências primordiais que alicerçam a nossa própria forma de ver o mundo, conceber o poder, construir a dimensão ética, dar consistência à percepção estética. Muitas são as marcas materiais que do mundo greco-romano nos ficaram, assim como das ditas “Civilizações Pre-clássicas”, na pedra, no metal, no papiro, no pergaminho, dentro de nós.

Por esse motivo, entendendo ser este um tema fulcral na construção de uma identidade cultural, se procedeu à organização deste volume temático, numa concepção necessariamente interdisciplinar.

Agradecemos o papel determinante desempenhado pela Reitoria da Universidade de Coimbra para possibilitar a reunião de especialistas, nacionais e estrangeiros, que debateram o tema, bem como o não menor mecenatismo da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Fundação Eng. António de Almeida, sem o qual não teria sido possível a edição deste volume temático.

Coimbra, 30 de Dezembro de 2008

Os Coordenadores do Volume

HELIOGÁBALO E O CULTO DO SOL: ASCENSÃO E QUEDA DE UMA DIVINDADE

CLÁUDIA TEIXEIRA
Universidade de Évora

Heliogábalo (205-222) foi, de acordo com o relato das fontes antigas, nomeadamente da *Historia Augusta*, um dos mais controversos imperadores romanos (218-222). No centro dessa controvérsia, encontra-se a instituição do culto do *deus Sol Invictus*, em uma perspectiva considerada *monoteizante*. Neste sentido, esta o presente trabalho tem como objectivo apresentar as informações oferecidas pelas fontes antigas relativas a este culto e integrá-las no quadro do governo do imperador.

Embora o autor da *Historia Augusta* se considere «comme un écrivain rédigeant de l'histoire, et donc se soumettre à la loi commune aux *scriptores historiae*»,¹ as primeiras palavras da *Vita Antonini Heliogabali* revelam contornos de uma natureza programática bem distinta da enunciada (1.1-2):

Vitam Heliogabali Antonini, qui Varius etiam dictus est, numquam in litteras misissem, ne quis fuisse Romanorum principem sciret, nisi ante Caligulas et Neronas et Vitellios hoc idem habuisset imperium. Sed cum eadem terra et venena ferat et frumentum atque alia salutaria, eadem serpentes et cicures, compensationem sibi lector diligens faciet, cum legerit Augustum, Traianum, Vespasianum, Hadrianum, Pium, Titum, Marcum contra hos prodigiosos tyrannos.

«A vida de Heliogábalo Antonino, também chamado *Varius*, nunca a deveria ter escrito – em ordem a que ninguém soubesse que ele foi *princeps* dos Romanos – como se este império não tivesse tido antes Calígulas, Neros e Vitélios. Mas como a própria terra não produz apenas venenos, mas também grão e outras coisas úteis, tanto serpentes como animais domésticos, assim o leitor atento conseguirá para si

¹ CIZEK, E., «La poétique de l'histoire dans l'*Histoire Auguste*», *REL* 74 (1996) 286-7.

alguma compensação contra estes tiranos monstruosos quando fizer leituras sobre Augusto, Trajano, Vespasiano, Adriano, Pio, Tito e Marco.»

As considerações preambulares expostas na *Vita* expressam uma atitude valorativa inversa aos elementos que o autor da *HA*, na linha da tradição biográfica suetoniana, nos apresenta no tocante ao bom acolhimento que a ascensão do jovem príncipe (205-222), teve entre os Romanos. Depois de um conturbado período de agitações políticas, *Varius Avitus Bassianus*, exilado na Síria, e auxiliado pela notícia, aparentemente falsa, de que a sua paternidade se deveria atribuir a Caracala,² sobe ao poder, sob o nome de *Marcus Aurelius Antoninus* (nome, que, viria a ser substituído na posteridade pelo de Heliogábalo). Mas o capital de esperança que Senado, meios militares e população associaram ao jovem imperador, tomado como legítimo descendente da linhagem de Antonino, e ao quadro político que traduzia o regresso à ordem e o retorno a um passado de legitimidade, interrompida pela tomada de poder pelos usurpadores Macrino e Diadúmeno, após o assassinio de Caracala em 217, viria a liquidar-se em um desfecho diametralmente inverso.

No entanto, e embora o autor da *HA* se considere na linha dos *historiographi*, a breve narração da *Vita* do imperador é considerada, com exceção de alguns dados históricos, não verosímil. A falta de rigor histórico é particularmente notória a partir do capítulo 18,³ em que a narração, desenvolvida no sentido de demonstrar não só os excessos, mas também a influência da sumptuosidade orientalizante⁴ na vida do imperador, sublima o tópico das excentricida-

² A notícia da falsa atribuição da paternidade de Heliogábalo a Caracala, amplamente divulgada pela mãe e pelo próprio imperador, suscita o seguinte comentário do biógrafo (2.1-2): *Hic tantum Symiamirae matri deditus fuit, ut sine illius voluntate nihil in re publica faceret, cum ipsa meretricio more vivens in aula omnia turpia exerceret, Antonino autem Caracallo stupro cognita, ita ut hinc vel Varius vel Heliogabalus vulgo conceptus putaretur. Et aiunt quidam Varii etiam nomen idcirco eodem inditum a condiscipulis quod vario semine, de meretrice utpote, conceptus videretur.*

³ CALLU, J.-P., “ Une lecture philologique de l’ «Histoire Auguste» ”, *REL* 61, 1983, 52, observa que «Avec beaucoup de finesse Hengst constate que le chapitre 18 coupe en deux parties cette *Vita*. Avant cette ligne de partage, “Lampride” avec parcimonie évoque les débordements sexuels d’Elagabal, la source étant alors Marius Maximus. Les thèmes changent ensuite et se regroupent sous la notion de *luxuria*, synonyme d’extravagance.»

⁴ CHAUVOT, A, “La notion de «Syrien» dans l’*Histoire Auguste* et les cas d’Alexandre Sévère”, *Ktema* 19 (1994), 285-288, observa que, apesar de existirem «(...) plusieurs manières d’être syrien, (...), l’auteur de l’ *Histoire Auguste* choisit clairement son camp. Mais, tout en récupérant les arguments traditionnels antisyriens, il confère à son argumentation une totalité bien particulière (...): les Syriens sont débauchés et insolents. Sur le premier point, le Syrien, dans une large mesure, exprime une nature

des, vividas quer como cidadão (imitava Apício nesta condição), quer como *princeps* (em que tinha por modelo Nero, Otão e Vitélio), configurando, deste modo, um relato mais consentâneo com as visões cinematográficas modernas, que retratam o império sob a égide do desregramento moral e do luxo incontido, do que com a narrativa histórica. Para a falta de verosimilhança concorre o paradigma de génese⁵ que se estabelece no tocante à explicação de algumas das excentricidades (algumas ainda em voga, no momento da escrita desta *Vita*), cuja criação, segundo o biógrafo, se fica a dever ao próprio imperador. O padrão de exagero,⁶ fosse na comida e na bebida, na forma de vestir, nos banhos, nas preferências relativas aos animais de estimação, nas ‘trimalquiónicas’ exuberâncias comportamentais ou até na própria forma de gerir a ideia de morte, faz com que a figura do imperador e a sua corte se constituam como um compêndio de requintes, facto que leva o próprio biógrafo a acautelar o sentido da narração, ao reconhecer que parte destes elementos pode ter sido inventada pelos detractores do príncipe.⁷

Embora de forma não tão explicitamente episódica, também os capítulos anteriores se organizam, no tocante à expressão da matéria histórica, em uma lógica enquadradora dos traços individuais do imperador, que o autor faz alargar de forma impressionista ao plano, que, nesta *Vita*, aparece como meramente conjuntural e desarticulado, dos destinos de Roma. Vida privada e pública aparecem estruturadas em uma continuidade única, na qual as particularidades do imperador, que radicam no fascínio obsessivo pelas transgressões, são transpostas para o império, em uma relação de causa e consequência ou numa relação em que a parte é tomada pelo todo.

Neste sentido, o desregramento moral aparece como a base contaminadora da vida política. O plano público, condicionado por uma política de total sub-

“grecque”. (...) Ainsi en est-il du thème de la *luxuria*, qui s’intègre aussi dans un flou géographique aux contours indistincts. Si la Syrie partage explicitement ce trait avec Alexandrie, où est notable la partie hellène, et implicitement avec les villes d’Asie, elle n’est qu’un élément d’un vaste ensemble “oriental”, ignorant les frontières. (...) pour le biographe, ce qui est syrien est partie prenante d’un ensemble gréco-oriental qui déborde des frontières de l’Empire. Le Syrien est donc à la marge de la romanité.»

⁵ Por exemplo, em 19.3 (*Primus deinde authepsas argenteas habuit, primus etiam cacca-bos ...*); em 19.6 (*Primus fecit de piscibus isicia, primus de ostreis et lithostreis et aliis huiusmodi marinis conchis et lucustis et cammaris et scillis*); em 22.3 (*Primusque hunc morem sortis instituit, quem nunc videmus.*); em 26.1 (*Primus Romanorum holoserica veste fertur*), etc.

⁶ Os elementos que configuram este padrão desenvolvem-se, sobretudo, a partir de 19.1.

⁷ 30.8: *Sed et haec et alia nonnulla fidem transeuntia credo esse ficta ab his, qui gratiam Alexandri Heliogabalum deformare voluerunt*. Sobre a questão das intenções subjacentes à elaboração da *HA*, vide SYME, A., “Propaganda in the *Historia Augusta*”, *Latomus* 37 (1978), 173-182; e STERN, H., “Date et destinataire de l’*Histoire Auguste*”, *REL* 30 (1952), 251-296.

serviência à vida privada de Heliogábalo, desenvolve-se na amplitude de um ângulo onde se misturam aspectos particulares, atitudes e acções privadas com políticas de Estado: se o imperador se rodeava de jovens depravados nos banquetes, onde se permitia a manifestação pública de comportamentos obscenos, e se maquilhava para se tornar parecido a uma popular imagem de Vénus, também as motivações subjacentes, por exemplo, à política das obras públicas e das nomeações radica na satisfação dos interesses particulares: os seus associados políticos, trazidos do circo, do palco e do anfiteatro, eram frequentemente os agentes da sua luxúria; além disso, vendia cargos, postos de general, procuradorias, postos no palácio, honras, dignidades e poderes; nomeou libertos como governadores e cônsules, e encheu os cargos públicos com gente oriunda das camadas mais baixas da população; a troca de dinheiro, nomeava para o Senado, sem olhar aos preceitos da idade, origem e fortuna,⁸ atitude consentânea com a atribuição frásica que a *HA* lhe faz, reveladora do mais alto grau de desprezo pela hierarquia social, de que os senadores são, afinal, 'escravos de toga'.⁹

Embora a tessitura narrativa se una em um impulso integrativo da construção negativa da personagem,¹⁰ há duas medidas, referidas logo à entrada (cap.3 e 4) que poderão ser reflexo do plano mais estrutural da situação política de Roma.

Além da instituição de um Senado só para mulheres, no Quirinal, onde previamente funcionara um *conventus matronalis*, Heliogábalo, *ubi primum diem senatus habuit* (4.1), deu ordens para que a sua mãe estivesse presente naquela instituição, notabilizando-se como o primeiro e único imperador sob o qual uma mulher se sentou no Senado no mesmo plano que um homem.¹¹ Embora nada se diga sobre o papel de Semiamira no Senado, a não ser que *senatus consulti conficiendi testis* (4.2), a condenação colérica do autor da *HA*, em 18.3,¹² parece testemunhar os contornos da influência efectiva da mãe sobre o jovem

⁸ 6. 1-4: *Vendidit et honores et dignitates et potestates tam per se quam per omnes servos ac libidinum ministros. In senatum legit sine discrimine aetatis, census, generis pecuniae merito, militaribus etiam praeposituris et tribunatibus et legationibus et ducatus venditis, etiam procurationibus et Palatinis officiis. Aurigas Protogenen et Cordium primo in certamine curuli socios, post in omni vita et actu participes habuit. Multos, quorum corpora placuerant, de scaena et Circo et arena in aulam traduxit.*

⁹ 20.1: *Senatum nonnumquam ita contempsit, ut mancipia togata appellaret (...).*

¹⁰ Veja-se, a este respeito, MARQUES de SÁ, Cristina Maria, *A importância do retrato materno na construção de personagens na Historia Augusta*, dissertação policopiada apresentada à Universidade de Lisboa, 2006, pp. 71-84.

¹¹ 4.1-2: *Deinde ubi primum diem senatus habuit, matrem suam in senatum rogari iussit. Quae cum venisse, vocata ad consulum subsellia scribendo adfuit, id est senatus consulti conficiendi testis, solusque omnium imperatorum fuit, sub quo mulier quasi clarissima loco viri senatum ingressa est.*

¹² 18.3: *Cautumque ante omnia post Antoninum Heliogabalum, ne umquam mulier senatum ingrederetur utique inferis eius caput dicaretur devovereturque, per quem id esset factum.*

imperador e a autoridade que exerceu na condução dos destinos de Roma, isto não obstante a actividade no Senado de mulheres, que verdadeiramente presidia, se concentrar na elaboração de *senatus consulta ridicula*, que, na descrição do biógrafo, raiam o anedótico (4.3-4):

quae quo vestitu incederet, quae cui cederet, quae ad cuius osculum veniret, quae pilento, quae equo, quae sagmario, quae asino veheretur, quae carpento mulari, quae boum, quae sella veheretur, et utrum pellicia an ossea an eborata an argentata, et quae aurum vel gemmas in calciamentis haberent.

De igual forma, e apesar dos estudos darem como não fidedignas a maioria das informações da *Vita*, todos são consentâneos relativamente ao peso da introdução, no panteão romano, do novo *deus Sol Invictus Elagabal*, que, por volta do fim de 219, se transformaria em alvo da mais acesa polémica.

De acordo com a *HA*, o imperador, logo que entra em Roma (*Vbi primum ingressus est urbem*), determina a construção (ca. 220/221) de um templo ao deus Heliogábalo,¹³ no Palatino, desenvolvendo uma construção iniciada por Domiciano e provavelmente dedicada a Júpiter.

No entanto, a escolha do deus, divindade congénere do deus de origem semita El-Gabal, cujo sacerdócio tinha sido exercido pelo imperador durante o exílio em Émesa, na antiga Síria, está longe de configurar mais uma adopção à semelhança de tantas outras, que, ao longo dos tempos, elevaram o número das divindades cultivadas em Roma e fizeram do seu panteão um reflexo das políticas de integração exercidas em relação aos territórios e povos conquistados, mas uma reforma religiosa, que, a ser levada a bom termo, abalaria as estruturas mais profundas da organização religiosa romana.

Essa reforma, que assentou, em primeiro lugar, na adopção do *deus Sol Invictus Elagabal* como deus supremo do panteão romano, traduziu, na verdade, uma opção mais forte do que a que é perceptível da elevação do deus à primeira posição no *ranking* das divindades. Com efeito, além da reorganização hierárquica do panteão divino, a instituição do deus-Sol como deus supremo dos Romanos, implicou igualmente uma reestruturação da ordem estabelecida no sentido do esvaziamento de funções das divindades tradicionais, que, sob a política de Heliogábalo, se vêem subordinados a uma nova entidade que absorve, na sua configuração sincrética, os elementos identitários dos restantes deuses. Reflexo material dessa investida constitui a alusão à transferência, para o templo do deus, dos símbolos centrais da estrutura religiosa romana (3. 4-5):

(...) studens et Matris typum et Vestae ignem et Palladium et ancilia et omnia Romanis veneranda in illud transferre templum et id agens, ne quis Romae deus nisi Heliogabalus

¹³ 3. 4: *Sed ubi primum ingressus est urbem, omissis quae in provincia gerebantur, Heliogabalum in Palatino monte iuxta aedes imperatorias consecravit eique templum fecit (...).*

coletur. dicebat praeterea Iudaeorum et Samaritanorum religiones et Christianam devotionem illuc transferendam, ut omnium culturarum secretum Heliogabali sacerdotium teneret.

«Não demora em transferir para lá [para o templo] o emblema da deusa-Mãe¹⁴ e o fogo de Vesta e o Paládio¹⁵ e os escudos sagrados e todos os objectos sacros para os Romanos,¹⁶ de forma a que nenhum deus fosse venerado em Roma, além de Heliogábalo. Além disso, costumava dizer que a religião dos Judeus e dos Samaritanos e os ritos dos Cristãos deveriam ser transferidos para ali, para que o sacerdócio de Heliogábalo incluísse os mistérios de todos os cultos.»

Aos restantes deuses, destituídos assim dos seus atributos e cultos, caberiam novas funções de subserviência em relação ao deus supremo. Com efeito, se os senadores eram ‘escravos de toga’, os deuses tradicionais passam a ser apenas servos do seu deus: uns eram camareiros, outros escravos, outros criados para as mais variadas funções.¹⁷

A crítica, que se depreende das palavras do biógrafo, a esta subalternização das divindades tradicionais a um deus supremo, que passa a protagonizar uma hegemonia, quer de culto, quer de identidade, é bem reveladora de um processo de sincretismo monoteizante; um processo que, em boa verdade, se constitui como marca idiossincrática das religiões orientais e que, no século III, agrupavam crentes em todas as partes do império romano.¹⁸

Também o culto do deus, de que o imperador era *sacerdos amplissimus*, com autoridade superior à do *pontifex maximus*, se ajustava às práxeis típicas dos cultos das religiões semíticas. Embora comum entre a plebe romana, este tipo de cerimónia religiosa, em que o imperador, vestido à maneira síria e carregado de jóias, praticava publicamente todas as manhãs, acompanhado por música e por um grupo de bailarinas, eram ainda estranhos aos valores e virtudes da classe senatorial que, não obstante, era obrigada a assistir ao culto. De igual

¹⁴ O autor da *Historia Augusta* observa que o imperador se iniciou nos ritos da deusa, de forma a poder roubar os objectos sagrados, associados à divindade (7.1): *Matris etiam deum sacra accepit et tauroboliatus est, ut typum eriperet et alia sacra quae penitus habentur condita.*

¹⁵ De acordo com Herodiano (*Ab excessu divi Marci libri VIII, 5.6*), o imperador congeminou o “matrimónio” de Heliogábalo com a deusa, mas, a breve trecho, desistiria da ideia, sob o pretexto de o deus-Sol estar desagradado com a deusa; e ordenou que Urânia fosse trazida de Cartago para o efeito, de forma a que o Sol e a Lua se unissem em matrimónio.

¹⁶ 7.5: *Lapides qui divi dicuntur ex proprio templo, simulacrum Diana Laodiceae ex adyto suo, in quo id Orestes posuerat, adferre voluit.*

¹⁷ 7.4: *Omnes sane deos sui dei ministros esse aiebat, cum alios eius cubicularios appellaret, alios servos, alios diversarum rerum ministros.*

¹⁸ Veja-se a este propósito, a identidade de Ísis, no livro XI do *Asinus aureus* de Apuleio, agregadora dos atributos de todas as deusas da religião tradicional.

modo, o festival do deus-Sol, celebrado anualmente no verão,¹⁹ constituía uma importação do, ainda celebrado em Émesa, ritual em honra do deus Elagabal, que, por sua vez, se traduzia em uma reminiscência do festival do Ano Novo babilónico, dedicado a Akitu.²⁰

A ligação ao deus constitui mais um elemento que abre espaço à tendência estruturante da marcação da influência de costumes e práticas orientalizantes na vida privada do imperador.

Com efeito, as alusões, aparentemente desordenadas e até contraditórias das fontes antigas, relativas aos contactos tidos com inúmeras mulheres, no qual se inclui o casamento dessacralizante com uma sacerdotisa vestal, a referência à homossexualidade e a um suposto casamento com Hiérocles, ou até mesmo a referência à castração e a uma suposta autoproclamada intenção de mudar de sexo²¹ parecem constituir apropriações de elementos associados ao culto de divindades orientais, como a deusa síria Atargátis; apropriações que se ampliam ainda na referência à celebração, por parte do imperador, do frenético rito de Salambo, também de origem síria,²² ou na acusação estereotipada, lançada igualmente sobre judeus e cristãos, relativa ao sacrifício de vidas humanas.²³

A matriz oriental domina, assim, a narração da *Vita* e a progressiva intensidade orgânica que esta matriz ganha no discurso constitui um dos elementos através dos quais a desconstrução do retrato do imperador ganha corpo narrativo; um imperador, que, apesar de não ter criado nenhum imposto e de ter governado em paz, tanto em Roma como nas províncias, sofreu, cerca de quatro anos após ter tomado o poder, a *damnatio memoriae*, depois de ser barbaramente assassinado²⁴ e de o seu cadáver, arrastado pelas ruas de Roma, ter sido lançado ao Tibre.²⁵

¹⁹ Herodiano, *Ab excessu divi Marci libri VIII*, 5.6.

²⁰ O festival tinha igualmente como elemento central um cortejo, liderado pelo imperador, e em que os restantes deuses acompanhavam o carro do deus como divindades secundárias.

²¹ Sugeriu Nuno Simões Rodrigues, no momento da elaboração deste trabalho, que este gesto se poderia dever a uma intenção hierogâmica, que configuraria apenas uma posição mística.

²² 7.3. *Salambonem etiam omni planctu et iactatione Syriaci cultus exhibuit, omen sibi faciens imminentis exitii.*

²³ Diz o autor da *HA* que o imperador escolhia rapazes de toda a Itália, nobres e bem-parecidos e com pais vivos, para que o sofrimento fosse maior por parte das famílias (8.1): *Cecidit et humanas hostias, lectis ad hoc pueris nobilibus et decoris per omnem Italiam patrimis et matrimis, credo ut maior esset utriusque parenti dolor.*

²⁴ TIMOEN, A., "The *Historia Augusta*: two faces of violence. A study on the deaths of Emperors in biography", *Eos* 81 (1993), 90, observa que «In biography, the lives of the emperors are separated into a least two categories. Their deaths, likewise, are also cate-

Do relato da *Vita*, conclui-se assim que a adoção do *deus Sol Invictus Elagabal* como divindade suprema representou uma tentativa de mudança sem sustentação e, por conseguinte, sem continuidade, que não deixa de lembrar a igualmente fracassada reforma religiosa levada a cabo por Aqueenáton, no Egito antigo.

A tentativa da reforma de Heliogábalo parece ser, antes de mais, reflexo do seu tempo: um tempo, no qual a média de governo de cada imperador se situa nos três anos e em que muito poucos não foram depostos por revoltas ou conspiração; um tempo, que assiste ao lento desintegrar da ordem social e política e em que a religião estabelecida, fortemente arraigada ao Estado – pois reflectia a sua hierarquia, os seus valores e as suas tradições – não pode deixar de sofrer e reflectir a desagregação dessa mesma hierarquia, desses valores e dessas tradições, que se dissolviam *pari passu* com a crise e a instabilidade política²⁶ que assolava Roma; um tempo em que as religiões orientais já se encontravam bem estabelecidas no império, muito em parte porque mais arraigadas à questão da individualidade e da salvação individual,²⁷ e que poderiam ter oferecido um quadro propício, embora não ideal, a uma reforma desta natureza.

A reforma de Heliogábalo foi, assim, extemporânea, porquanto traduziu, não a adoção da religião de uma maioria, mas uma ruptura, realizada do topo para a base, e que impunha uma alteração ainda demasiado abrupta da matriz religiosa e cultural em favor de uma nova hegemonia, estranha a muitas facções, sobretudo às mais nobres, da população. A queda de Heliogábalo não significou, no entanto, a abolição do culto do deus-Sol, venerado subsequentemente quer por soldados, quer pela população, apesar de o templo que o imperador lhe dedicara ter sido novamente consagrado a Júpiter pelo seu sucessor, Severo Alexandre; um sucessor que, tal como Heliogábalo, não poderia deixar

gorizes. The portrayal of the deaths reflects the perception of individual lifestyles and conduct. In other words, the quality of rulership, reflecting various degrees of kindness or vicious cruelties, is masked in the report of a ruler's death. The reward or the penalty is meted out by *HA*. In its lives, violence is depicted in an ambiguous manner, in terms of the author's motives. For this purpose, *exaedificatio* is used to connect an emperor's life and his death.»

²⁵ Em 17.4, o autor menciona que, após a sua morte, o imperador se tornou conhecido pelos nomes *Tiberinus*, *Tractaticius*, e *Impurus*.

²⁶ Sobre a questão do imperialismo nos séculos II e III d.C., vide CASTAGNOL, A., "L'Histoire Auguste et l'impérialisme romain des II^e III^e siècles après J.-C.", *Ktema* 7 (1982) 151-160.

²⁷ Veja-se a consideração que as divindades tradicionais merecem no *Asinus aureus* de Apuleio, nomeadamente Júpiter, que faz valer a sua posição de deus supremo em troca de adultérios, em oposição a Ísis, a única divindade capaz de facultar a salvação.

de reflectir os tempos em que viveu e que, apesar de não ter adoptado publicamente nenhuma religião, venerava, no seu altar privado, Orfeu, Abraão, Apolónio de Tiana e Jesus Cristo.

ÍNDICE

MARIA DO CÉU FIALHO – <i>Introdução</i>	5
JOSÉ AUGUSTO RAMOS – <i>O sol no seu nascente: mitologias solares das culturas pré-clássicas...</i>	7
NUNO SIMÕES RODRIGUES – <i>Medeia, a Deusa Solar. Proposta de releitura de uma velha problemática</i>	31
MARIA DO CÉU FIALHO – <i>Viver e ver a luz do sol</i>	43
MARTA VÁRZEAS – <i>A poesia solar de Píndaro</i>	53
FÁTIMA SOUSA E SILVA – <i>O Sol e o género na comédia ateniense</i>	63
SUSANA MARQUES PEREIRA – <i>O sol dissipador de pesadelos</i>	77
LUCÍA ROMERO MARISCAL – <i>O sol em Eurípides</i>	83
LEONOR SANTA BÁRBARA – <i>Luz e morte nas tragédias de Eurípides</i>	95
CARMEN SOARES – <i>Heródoto e o Sol dos Outros</i>	101
DAVID SANTOS – <i>A analogia do sol à luz de Platão</i>	115
CARLOS JESUS – <i>Quando o dia se fez noite. Arquíloco e Plutarco face ao espectáculo do eclipse solar</i>	129
AURORA LÓPEZ/ANDRÈS POCIÑA – <i>A Aurora e o Sol na poesia latina clássica</i>	145
VASCO MANTAS – <i>As cidades do Sol</i>	161
CLÁUDIA TEIXEIRA – <i>Heliogábalos e o culto do Sol: ascensão e queda de uma divindade</i>	193
JAIME ALVAR – <i>El Mitraísmo en Hispania</i>	203
ARMANDO REDENTOR – <i>As representações solares nas estelas romanas do Nordeste transmontano</i>	225
LUÍS DA SILVA FERNANDES – <i>Invocando o sol em Colares: do locus sacerromano ao museu arqueológico</i>	249

PAULA BARATA DIAS – <i>Trabalho, calendário monástico e ano solar. Exemplos de adaptações do preceito do trabalho em alguns textos monásticos</i>	257
NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES – <i>A simbologia Ético-Política do sol no Renascimento</i>	273
CARLOTA MIRANDA – <i>O Sol, signo da linguagem espiritual e devocional no início da modernidade</i>	297
TERESA CARVALHO – <i>A poesia de Manuel Alegre: o Carro do Sol num «rectângulo de sombra»</i>	307
FRANCESCO DE MARTINO – <i>A iconografia do Sol de inspiração greco-romana</i>	315
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO – <i>Conclusões sobre o Sol Greco-Romano</i>	359